QUESTÕES DE GÊNERO NA OBRA HIBISCO ROXO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA NA PERSONAGEM "KAMBILI" [1]

FARIAS, Cibely de Almeida[2]
BRITO, Danielle Gonzaga de[3]

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar uma possibilidade de análise sobre questões de gênero na obra *Hibisco Roxo*, na perspectiva da análise de discurso (AD) de linha francesa. A análise é crítica e comparativa, partindo da personagem Kambili em relação aos personagens secundários. O método adotado segue três linhas que se aproximam: a genealogia de Foucault, estrutura e acontecimento de Pêcheux e os procedimentos metodológicos apresentados por Souza. Dialogam conosco, além dos teóricos do discurso, Scott (2013), Motta (2000), Stearns (2015), Bourdieu (2017) entre outros.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ideologia; Gênero; Hibisco Roxo.

ABSTRACT: This article aims to present a possibility of analysis on gender presented in *Hibisco Roxo*, from the perspective of Discourse Analysis (DA) of French line. The analysis is critical and comparative; it starts from Kambili perception in relation to the secondary characters perceptions. The methodology follows three lines: the genealogy of Foucault, structure and event of Pêcheux and the methodological procedures presented by Souza. Dialogue with us, in addition to discourse theorists, Scott (2013), Motta (2000), Stearns (2015), Bourdieu (2017) among others.

Key-words: Discourse Analysis; Ideology; Gender; Hibisco Roxo .

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado *Questões de gênero na obra Hibisco Roxo: uma análise discursiva na personagem Kambili*, tem como objetivo analisar diferentes manifestações discursivas da questão de gênero, por meio da análise do discurso (AD) manifestadas pela personagem Kambili com relação aos personagens secundários, além de buscar entender as manifestações ideológicas e apresentar as equivocidades dos paradigmas impregnados na sociedade com relação ao gênero, caracterizados na obra Hibisco Roxo de Chimamanda Ngozi Adichie.

Para uma melhor organização de nossas ideias, o presente artigo se divide em quatro tópicos, a saber: Introdução, Gênero - aspectos conceituais e históricos, Análise de Discurso, A Análise e Considerações Finais. Cada tópico buscar apresentar um aspecto para a composição da referida análise.

---

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no semestre 2019/1.
[2] Acadêmica do Curso de Letras IEAA/UFAM.
[3] Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM.

Em linguística existe uma determinada convenção em relação ao método utilizado em seus trabalhos e pesquisas, no entanto, em AD, a metodologia é diferenciada. Essa característica ocorre da própria origem da AD, como é apresentada no tópico – Análise de Discurso.

O objetivo da AD é se utilizar de métodos que possam compreender a linguagem, principalmente na tentativa de materializar o não dito, ou melhor, estudar a linguagem pela opacidade, afetada pela ideologia, pelo real da língua e pelo real da história. O modelo de metodologia a ser aplicado neste trabalho segue três linhas que se aproximam: O modelo genealógico de Foucault, estrutura e acontecimento de Pêcheux e o modelo de análise crítica de Souza.

Nos apropriaremos do conceito de genealogia apresentado por Michel Foucault quando afirma que, para uma maior compreensão das relações que constituem o sujeito hoje, é necessário considerá-lo dentro de um quadro histórico, chamado por ele de genealogia. Segundo o autor, "[...] o emprego dos conceitos de descontinuidade, de ruptura, de limiar, de limite, de série, de transformação coloca, a qualquer análise histórica, não somente questões de procedimento, mas também problemas teóricos" (FOUCAULT, 2012, p. 32). Além de utilizarmos o conceito de estrutura e acontecimento de Michel Pêcheux quando afirma que, "as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória" (1983, p. 31).

Na análise crítica de Souza (2014), o autor propõe três etapas de análises: leitura flutuante, leitura analítica e perguntas heurísticas. Na leitura flutuante, o analista estabelece o primeiro contato com o texto a ser analisado. Na leitura analítica, o analista inicia o processo de produção de perguntas heurísticas, ou melhor, perguntas que os ajudem a analisar e a evidenciar sentidos. As perguntas heurísticas são: qual é o conceito-análise presente no texto (*a priori ou a posteriori*)? Como o texto constrói o conceito-análise? E a que discurso (formação discursiva) pertence o conceito-análise materializado da forma que o texto materializa?

A trajetória de metodologia adotada por este, não se configura como a melhor ou única opção possível para uma dada AD, apenas uma entre tantas possíveis. É essa possibilidade de multiplicidade de métodos que diferencia a Análise de Discurso de outras áreas pertencentes a Linguística.

2. GÊNERO - ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS

A história sozinha cria estereótipos, e o problema com estereótipos é que não é que eles não são verdadeiros, mas que eles são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história.
Chimamanda Adichie

Para falar sobre gênero, optamos pela abordagem do conhecimento conceitual e histórico, já que nos apropriaremos da AD de concepção francesa que norteará a análise da personagem a que se trata o trabalho. Foucault pensa o sujeito como alguém historicamente constituído por determinações que lhe são exteriores. Ao longo de sua trajetória histórica, o homem não deixa de modificar continuamente a sua subjetividade, "se o sujeito se constitui, não é com fundamentação numa identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou conhecimento ou por meio de técnicas de si" (REVEL, 2011, p. 146-147).

O estudo da biologia, nos mostra que existem dois sexos: o masculino e o feminino, que são distinguidos por diferenças anatômicas fisiológicas e fenótipas, o que é completamente diferente da conceituação de gênero, que seria a expressão das diferenças entre homem e mulher na sociedade, lugar que se ocupa este estudo. Por isso, a "[...] busca dos significados das representações do feminino e do masculino, das construções culturais e históricas das relações de gênero" (SOUZA, 1991, p. 187) se faz necessária para um entendimento mais profundo do assunto.

As divisões de gênero consolidadas em bases patriarcais são o legado deixado pelo desenvolvimento das chamadas 'civilizações' ocidentais. A partir dos contatos e das limitações das trocas, os sistemas de gênero adquiriram também outras características e determinações de papéis e atributos para cada sexo. Stearns (2015), aponta o deslocamento da caça e coleta para a agricultura como um dos responsáveis pelo fim de um sistema de considerável igualdade entre homens e mulheres. "Na caça e na coleta, ambos os sexos, trabalhando separados, contribuíam com bens econômicos importantes. [...] A agricultura estabelecida, nos locais em que se espalhou, mudou isso, beneficiando o domínio masculino". (STEARNS, 2015, p. 31) A mulher antes, agente econômica, torna-se agente do lar: gravidez e cuidado de crianças passa a ser o seu papel social.

Historiadores e estudiosos das organizações político-sociais[4] apontam que uma das justificativas da manutenção do patriarcado era afirmar a certeza que o filho de uma

[4] A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado (em alemão: Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats) é um tratado materialista histórico de Friedrich Engels lançado em 1884.

mulher fosse do marido, garantindo a continuidade hierárquica de acúmulo de bens de produção. Outra justificativa estava na preferência por filhos em vez de filhas. Stearns afirma que,

> Culturalmente, os sistemas patriarcais enfatizam a fragilidade das mulheres e sua inferioridade. Insistiam nos deveres domésticos e algumas vezes restringiam os direitos das mulheres a aparecerem em público. O alcance do patriarcalismo foi poderoso e extenso. Muitas mulheres ficaram tão intimidadas e isoladas pelo sistema que formas de protesto se tornavam improváveis – embora algumas mulheres pudessem obter certa satisfação em manipular seus maridos e filhos ou em dar ordens a mulheres inferiores no ambiente doméstico. (2015, p. 33)

Com o passar do tempo, esses princípios de não igualdade foram se acentuando, trazendo consigo consequência nas relações sociais, sobretudo na figura do feminino. As mulheres por não terem alguns direitos, não poderiam significar-se como sujeito.

A partir dos anos de 1960, os EUA passavam por grandes transformações pois, estava se restabelecendo pós-guerra, é quando surge com força a visão feminista, que se baseia em uma história da rejeição da construção hierárquica dentro da relação entre homem e mulher, com momentos marcantes para as reflexões sobre o feminismo na sociedade. Outro acontecimento que marcou a época, foi o aparecimento da pílula anticoncepcional, que gerou uma revolução nos comportamentos das relações sexuais que, até então, eram vinculadas a procriação e não ao prazer.

Destacamos ainda, obras literárias que estavam voltadas para a desconstrução do papel da mulher na sociedade, principalmente nas obras de autoras femininas que estavam inseridas neste movimento. Como exemplo dessas teorias estão as obras: *O Segundo Sexo*, de Simone Beauvoir; e *A mística do Feminismo*, de Betty Friedan.

O continente africano é bem representado, com a autora nigeriana renomeada no campo da literatura contemporânea, Chimamanda Ngozi Adichie com a obra *Hibisco Roxo* publicado em 2003, que se consolidou na produção literária de cunho feminino. Quando questionada, em entrevista ao jornal El País, sobre quando se tornou feminista, Chimamanda afirma que, “Ser feminista te faz mais consciente dessas pequenas coisas, de que há pessoas às quais não ocorre que as mulheres também somos seres humanos. Sempre que me perguntam como cheguei a ser feminista, digo que não me fiz feminista, sempre o fui”.

A escolha do termo gênero, em contrapartida ao termo mulher, apresenta algumas justificativas, entre elas a reflexão trazida à sociedade quando se fala em gênero,

principalmente porque a história das mulheres fez parte da história dos homens. História essa, pautada nas diferenças de relações sociais determinadas arbitrariamente por um regime patriarcal. Scott (1995, p. 76) esclarece que o "gênero é igualmente utilizado para designar relações sociais entre sexos". Para a autora, o uso do termo gênero implica em relações sociais que também incluem o sexo, mas não o determina em sua totalidade e nem determina a sexualidade do indivíduo.

Louro (1997, p. 24) entende gênero como "identidade de sujeitos", ou melhor, a compreensão de que o sujeito é dotado de "identidades plurais, múltiplas: identidades que se transformam e não são fixas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias".

Para Butler (2018) gênero é independe do sexo. A autora denuncia a função enunciativa da ideia rotulada de gênero vinculada ao sexo, uma vez que, discursos constitutivos identificam com as novas formações discursivas e os categorizam como heteronormativos. Nesse sentido, dada construção pode se movimentar e a ideia de homem e masculino podem significar tanto um corpo feminino quanto um masculino e vice-versa.

Butler denuncia a função enunciativa de sociedade binária. Essa função atua tanto em termos analíticos quanto políticos. Diante disso, a autora entende que é impossível tratar da questão de gênero dissociada da formação política e cultural do sujeito.

> Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades radicais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2018, p. 21)

Ao entender o sujeito como uma produção cultural e originário de uma ordem compulsória na determinação de sua atuação e pensamento social, a autora sugere uma subversão desses valores. Portanto, o termo gênero para Butler, pode se dissolver, ampliar e voltar para o sujeito e para a sua relação identitária em que a ação e pensamento dependem de sua vontade.

3. ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

3.1 BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Se a filosofia deve começar como discurso absoluto, o que é que se passará com a história, e que começo é esse que começa com um indivíduo singular, numa sociedade, numa classe social, no meio das lutas?
Michel Foucault

O surgimento da AD ocorre por meio de teorias que afirmavam que além da questão estrutural do texto, o estudo linguístico também poderia se questionar e relacionar com o social. Assim, "Pode-se afirmar com Maingueneaul (1976) que foram os formalistas russos que abriram espaço para a entrada no campo dos estudos linguísticos daquilo que se chamaria mais tarde de discurso" (BRANDÃO, 2002, p. 15). No entanto, "O sintagma 'análise do discurso' designa um campo que se desenvolveu na França nos anos 1960-1970 a partir de trabalhos do linguista americano Z. S. Harris". (MAZIÈRE, 2007, p. 07). Entre tantos trabalhos de Harris, surge a obra *Discourse Analysis* (1952), que é considerada como marco inicial da AD.

Em contraposição aos trabalhos de Harris estavam os trabalhos de R. Jakobson e Benveniste e "esses trabalhos já apontam para a diferença de perspectiva que vai marcar uma postura teórica de uma análise do discurso de linha norte americana, de outra mais europeia" (BRANDÃO, 2002, p. 15). A americana, entende a AD como uma extensão da linguística; a europeia, compreende o discurso como um sintoma de uma crise interna da linguística.

O sentido de discurso remete a uma exterioridade à língua, exterioridade essa localizada no social com envolvimento de questões de natureza não puramente linguística, mas de aspectos sociais e ideológicos manifestados nas palavras quando ditas. Sendo assim, o estudo sobre o discurso recebeu muitas contribuições com relação a área da linguística através da sociolinguística, pragmática e do próprio discurso. Souza (2006), afirma que a AD é uma disciplina de entremeio. Para Orlandi,

> [...] a AD é uma espécie de antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais e seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. (ORLANDI, *apud* SOUZA, 2006, p. 15)

Pêcheux aparece como um dos principais percursores da AD de linha francesa, uma vez que, por meio de suas pesquisas, foi possível concretizar essa área de estudo. O autor pensa a AD como uma "ruptura epistemológica com a ideologia que domina as ciências humanas (especialmente a psicologia) " (MALDIDIER, *apud* SOUZA, 2006, p. 79). Pêcheux aponta para uma teoria não-subjetiva do sujeito, rompe com isso as práticas

de explicações do texto. A partir de Pêcheux, ocorre um deslocamento no modo da linguística trabalhar a relação linguagem-história, nessa trajetória é feito um chamado ao questionamento do Marxismo para ultrapassar as barreiras da filosofia marxista da linguagem.

Outro teórico que contribui para a AD francesa foi Foucault, na tentativa de escrever a história das ideias não se apoiando ao sujeito cartesiano de Descarte. Com esse rompimento, o autor se localiza no pós-estruturalismo, questionando o sujeito universal, analisando o sujeito em crise, em outras palavras, analisa a desintegração do sujeito unificado. Para o autor,

> [...] todo conhecimento é determinado por uma combinação de pressões discursivas, institucionais e sociais. O conhecimento teórico, a própria ciência, não estaria imune a essas determinações. Alguns desses conhecimentos desafiarão os discursos dominantes e outros o aceitarão, num jogo de configurações. (SOUZA, 2006, p. 61)

Foucault aponta que discursos são grupos de enunciados estrategicamente regulados. Seu objetivo é evidenciar os mecanismos que o regulam. Ao buscar estudar os sistemas de apoio da regularidade do discurso, o autor nos oferece o método arqueológico. Essa análise busca estudar os sistemas pelos quais formulações linguísticas outras são excluídas da posição de "verdade", ao ponto de não serem classificadas como enunciados.

No Brasil, a AD filiou-se basicamente a construção teórica com base na linha francesa, na qual busca refletir sobre a questão histórica, social, ideológica dos sentidos restrito dos discursos. Como afirma Souza,

> A AD brasileira tem já há algum tempo buscado atirar olhares e questões para o corpo social, para os dizeres urbanos metaforizados em práticas de escritura, de silenciamento e de política de silenciamento. Tem-se igualmente voltado para questões de sentidos públicos e da circulação desses sentidos, além de trabalhar de forma profícua o espaço da história das ideias linguísticas. (2006, p. 106)

Para que um objeto de estudo seja analisado é necessário um estudo histórico e social do lugar no qual se insere esse discurso, para que a partir disso, o panorama do sentido seja materializado. Por isso, Fernandes (2005, p. 28) afirma "que o discurso tem existência na exterioridade do linguístico, no social é marcado sócio-histórico-ideologicamente".

3.2 DISPOSITIVOS TEÓRICOS

3.2.1 DISCURSO

Neste trabalho, o discurso terá o foco voltado para a maneira que se constrói e como se materializa sua formação discursiva dentro de determinado contexto, ou seja, não é língua, nem texto, nem a fala, no entanto, ele necessita de elementos linguísticos para garantia de sua existência material. Brandão define discurso "[...] como o um conjunto de enunciados que se remetem a uma formação discursiva ("um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva") ". (BRANDÃO, 2002, p. 28). Uma mesma palavra pode oferecer diferentes sentidos a depender do lugar socioideológico de quem fala.

Para Foucault, o discurso é um "[...] conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 2012, p. 43). Logo, "O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva" (BRANDÃO, 2002, p.28) que basicamente produzem sentido no texto. Essa formação discursiva (FD) se desenvolve mediante a concepções históricas, nela se apresenta a articulação entre língua e discurso, as quais se contrapõe ou não com a coerência que deve ter para haver sentido no discurso.

3.2.2 IDEOLOGIA

O termo ideologia é conceituado na AD por meio de releitura do filósofo francês Marx. Althusser busca nessa filosofia, elementos para a definição de ideologia, para o autor ela é "eterna, onipresente, sob a sua forma imutável, em toda a história, a história das formações sociais de classe" (ALTHUSSER, 1983, p. 85). Althusser apresenta duas teses que mostram o funcionamento desse mecanismo ideológico e como ocorre dentro da sociedade.

> [...] podemos dizer que: toda a ideologia representa, em sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes (e as outras relações delas derivadas) mas sobretudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e demais relações daí derivadas. [...] as "ideias" ou "representações" etc., que em conjunto compõem a ideologia, não tinham uma existência ideal, espiritual, mas material. [...] Ao falarmos dos aparelhos ideológicos do Estado e de suas práticas, dissemos que cada um deles era a realização de uma ideologia (a unidade destas diferentes ideologias regionais – religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc. sendo assegurada por sua subordinação à ideologia dominante). Retomaremos esta tese: uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas. Esta existência é material. (ALTHUSSER, 1983, p. 88-89)

Partiremos do princípio que a ideologia é um conjunto de representações materializadas de terminadas classes que estão acondicionadas a ideologias dominantes e o "[...] discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da 'existência material' das ideologias" (BRANDÃO, 2012, p. 37). O discurso materializa a ideologia e a ideologia materializa o discurso que se perpetua diante da sociedade a qual é regida através de classes sociais.

O acondicionamento dessas ideologias é feito por meio dos aparelhos ideológicos (AI) que são ferramentas para essa subordinação, "Althusser afirma que, para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismo de perpetuação das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração" (BRANDÃO, 2012, p. 37). Os AI, que são representações institucionais como (religião, família, escola etc.), funcionam de maneira maleável, mas levam a uma submissão do sujeito, já que são condições existenciais para a formação ideológica.

Para o materialismo histórico, "superestrutura" e "infraestrutura" são metáforas para explicação das divisões da sociedade na qual se abstém do termo "infraestrutura" como o conjunto para relações de produção quem mantem a "superestrutura" que seria teoricamente a classe dominante que exercem o papel de dominação. A ideologia é um conjunto de ideias e pensamentos que ordenam a sociedade por meio das classes sociais e que interpela o indivíduo em sujeito, com base na necessidade de produção das classes dominantes por meio de repressões e acondicionamento produzidos via AI, assujeitando o indivíduo, determinando sua forma coletiva de pensar e agir.

3.2.3 SUJEITO

Na AD, o sujeito é ideológico e historicamente constituído. Ele não está focalizado no "eu" individualista, e sim na necessidade de um Outro, para que seja aperfeiçoado por meio dos fatores externos. Fernandes, afirma que o sujeito:

> [...] deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um "eu" individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social: de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio histórico. (2008, p. 24)

O sujeito "eu" é interpelado em sua subjetividade, mas que necessita da relação com o outro "tu" que se complementa dentro de sua individualidade. Para Pêcheux,

> [...] um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada por si mesma, de tal modo que um sujeito estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que "utilizam" seus discursos quando na verdade são seus "servos" assujeitados, seus "suportes". (1997, p. 311)

O sujeito se torna um suporte da produção discursiva e o seu assujeitamento é feito involuntariamente por meio de sua FD e se torna reprodutor de um discurso já formado via classes dominantes. Os AI, os fazem servos da classe dominante que se utiliza de mecanismos discursivos para exercer poder sobre as classes dominadas.

5. A ANÁLISE

A verdade só pode ser dita nas malhas da ficção.
Lacan

A análise do presente trabalho, tem como objetivo fazer uma comparação das manifestações discursivas de gênero na personagem "Kambili", da obra *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie, com as dos demais personagens secundários.

A história é narrada em primeira pessoa, por Kambili, de um ponto de vista observador e crítico. A personagem localiza-se na Nigéria pós-colonial. Seu pai é um grande capitalista da região e faz da religião Católica sua principal influência de identidade. A família é uma representação do patriarcado, uma vez que, o pai é visto como a representação de dominação masculina, além de recusar a identidade cultural nigeriana em detrimento da imposta pelo colonizador. Nessa conjuntura, Kambili e Jaja, seu irmão, buscam uma liberdade e identidade próprias. Essas mudanças vão se manifestando no decorrer da história e por associação relativa a mudança da planta hibisco roxo. Ao contrário da imagem do pai, temos a figura da tia. Professora universitária e mãe solteira de três filhos. Em contato com a relações sociais vividas pela tia, Kambili começa a ver e viver o mundo através de outra perspectiva e seu amadurecimento deriva sua subjetividade acostumada a naturalidade de suas relações sociais.

Identidade cultural x gênero

O conceito de identidade se refere a um sentimento de identificação com um grupo e suas determinadas manifestações de cultura, esse conjunto de manifestações é tido como patrimônios historicamente reconhecidos pelo lugar que ocupa. E a cultura

"[...] é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos" (HALL, 1999. p. 50). Deste modo, a identidade cultural é um fator primordial para reconhecimento de si próprio no ambiente social. Hall afirma que:

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar. (1999, p. 13)

Na perspectiva de identidade cultural que nos atemos a língua materna, uma vez que nossa ótica se localiza no campo teórico da AD. Relacionado a língua materna, Bakhtin afirma que:

> [...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não "adquirem" sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (1997, p. 107-108)

A língua materna, que é uma das representações de identidade, é proibida de ser expressada por Kambili, consequência da colonização europeia.

"Papa quase nunca falava em igbo e, embora Jaja e eu usássemos a língua com Mama quando estávamos em casa, ele não gostava que o fizéssemos em público. " (p. 48-19)

Ao declarar que "*Papa quase nunca falava em igbo"*, a narradora revela um processo de aculturação sofrido pelo pai, embora conhecedor e falante de igbo, o processo de reconstrução da uma subjetividade interpelada pelas relações de poder dominante e hegemônico, o coloca na posição de não falante de igbo. Por outro lado, a mãe que se localiza discursivamente no assujeitamento das relações sociais predeterminadas pela sociedade heteronormativa, fala o igbo - *Jaja e eu usássemos a língua com Mama*, pois a mesma, embora falante nativa já é silenciada pelo fato de ser mulher. A relação de permissão exercida pela mãe, apenas é possível no espaço privado do lar - *ele não gostava que o fizéssemos em público*, mesmo assim, com a permissão do homem macho.

Dominação masculina e Religiosidade X gênero

No desenvolvimento da análise, um dos conceitos-análises identificados *a posteriori* na obra, foi a manifestação da formação discursiva sexista e religiosa, na

predominância da sociedade em organização patriarcal, historicamente determinada em *Hibisco Roxo.*

Ao analisar o conceito das relações de gênero, Bourdieu (2017) afirma que, "A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la" (p. 22). A dominação masculina parte do princípio de o homem ser o centro das relações sociais, onde a perspectiva de tudo é sempre masculina. O homem, masculino, é tomado como medida para todas as coisas. Tomemos como partida de análise a seguinte citação de *Hibisco Roxo*:

> *Quando ele viu a tigela em minha mão, baixei os olhos, observei os poucos flocos moles flutuando em meio às bolhas de leite e me perguntei como Papa conseguira subir a escada tão silenciosamente.*
>
> *- O que você está fazendo, Kambili? Engoli em seco.*
>
> *- Eu... eu...*
>
> *- Está comendo dez minutos antes da missa? Dez minutos?*
>
> *- Ela ficou menstruada e está com cólica... - explicou Mama. Jaja a interrompeu.*
>
> *- Fui eu que mandei Kambili comer antes de tomar Panadol, Papa. Eu preparei o cereal para ela.*
>
> *- Será que o demônio pediu para você fazer o trabalho dele? disse Papa, com as palavras em igbo saindo de sua boca numa torrente. - Será que o demônio armou uma tenda dentro da minha casa? (p. 330-331)*

No modelo de 'diálogo' familiar extraído da obra Hibisco Roxo, os trechos acima sublinhados, denunciam a presença da FD sexista, em que a mulher assume papel secundário na relação social familiar fundamentada pelo patriarcado. A ação de tomar leite e cereal, embora tenha sido decidida a revelia da anuência do pai, apenas torna-se legítima quando o "chefe" da família valida a decisão.

Brandão (2002), afirma que "Toda autoridade, para legitimar-se, precisa de indivíduos que acreditem na legitimidade desta autoridade. A ideologia surge como um necessário sistema justificador da dominação, porque somente pela crença dos mesmos não seria possível tal legitimação" (p. 28). Kambili tem na figura paterna a autoridade máxima, e faz dessa autoridade o poder de ordenar a família, mesmo que de maneira opressiva, rígida e violenta. Ao baixar os olhos, a personagem legitima a autoridade patriarcal do pai. Como aparelho ideológico do Estado, a família enquanto instituição privada, produz e reproduz as microrelações de poder determinadas pelas relações sociais do Estado.

Althusser (1983, p. 21-22) nos apresenta a religião com um dos aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Isso significa que ela se organiza de maneira plural, porém

não muito visível; não pertence ao domínio público e sim ao privado e, principalmente, funciona pela ideologia. No entanto, o autor nos alerta que não existe funcionamento de um AIE que se ordene em sua totalidade somente pela ideologia.

> Os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente pela Ideologia, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas <<educam>> por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de seleção, etc., não só os seus oficiantes, mas as suas ovelhas. Assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para só mencionar esta), etc. (ALTHUSSER, 1983, p. 47)

Assim, com o discurso de família modelo da sociedade burguesa patriarcal, o discurso religioso, enquanto pertencente ao AIE, interpela os indivíduos em sujeitos, garantindo a normalidade das relações sociais, velando toda a relação de verdades jurídicas pré-determinadas nas relações de poder. Nesse sentido, o discurso religioso fortalece e impulsiona o discurso sexista presente na sociedade patriarcal. O pai é pilar da família. Ele organiza o que é permitido ou não. Ao questionar - *Está comendo dez minutos antes da missa?*, o pai questiona com qual autoridade e permissão (familiar e divina) a filha quebrou os protocolos pré-definidos naquele ambiente privado. A missa é o respaldo que garante a determinação do que pode ser feito ou não nos dez minutos anteriores ao seu princípio. Ao quebrar as regras, Kambili desobedece não somente ao pai, mas a sua autoridade divina perante ao lar.

Foucault (2014), ao estudar a história da sexualidade no ocidente, nos aponta que nossa sociedade se ordena juridicamente pela cesura discursiva. Em *A Ordem do Discurso*, o autor supõe que,

> [...]em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2011 p. 8-9)

A igreja, nesse sentido, atua como regulador discursivo. Ao perceber que a família apresenta uma atitude não convencional pelos padrões pré-organizados por aquele ambiente familiar, o pai se questiona se o diabo foi responsável por aquela situação. Ao advogar pelo diabo, o pai apela ao discurso religioso. Uma vez que ele, enquanto homem (macho) que decide e permite tudo nas relações sociais não é mais respeitado, quem sabe

a representação máxima do patriarcalismo arbitrário na constituição de um Deus todo poderoso, poderia garantir a validade de sua lei 'machista'.

Outra paráfrase discursiva de masculinidade na obra, é identificada na discursividade do irmão Jaja. Embora, possua uma visão oposta ao pai, ao manifestar- se discursivamente perpetua, inconscientemente, por interpelação ideológica a manutenção do discurso sexista. Ao tentar proteger a irmã e a mãe, Jaja reproduz a visão androcêntrica característica da dominação masculina, em outras palavras, Jaja afirma que na ausência do pai, ele é o homem (macho) centralizador da medida para todas as coisas. Não foi a mãe, nem a filha que protagonizou a ação, mas outro homem masculino. Percebemos o instinto protetor de homem masculino de Jaja em outro trecho da obra:

"Eu devia ter tomado conta de Mama. Veja como Obiora equilibra todo o peso da família de tia Ifeoma sobre a cabeça. E eu sou mais velho do que ele. Devia ter tomado conta de Mama" (p. 931)

Ao chamar a responsabilidade para si do cuidado da mãe, Jaja manifesta sua relação de produção e autopropulsão da continuidade patriarcal. Embora seu desejo em proteger a mãe, aparentemente manifeste uma ideia de libertá-la da dominação masculina exercida pelo pai, sua materialidade discursiva aponta para outro caminho. A mãe precisa ser protegida por outro homem, pois, sendo mulher, não é capaz de agenciar sua 'libertação'.

De acordo com Foucault (2014, p. 50), "o poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar". Na obra, o exercício de poder do pai, fica explícito uma vez que seu discurso de autoritarismo interpela os indivíduos de maneira que, embora fazendo uso de práticas repressivas e violentas, o motivo é sempre justificado com preocupação, afeto e amor pelos punidos. Em nenhum momento em *Hibisco Roxo*, notamos um discurso de repulsa aos posicionamentos do pai com características de ódio. A mãe, por exemplo, tem sua subalternação narrada pela filha. Em alguns momentos suas atitudes são replicadas nas atitudes da filha. No trecho,

"Não era certo permitir que uma pessoa mais velha fizesse suas tarefas, mas Mama não se incomodava; havia muita coisa com que ela não se incomodava". (p. 62)

Ao narrar "havia muita coisa com que ela não se incomodava", Kambili denuncia a atitude passiva da mãe diante de sua relação social com o pai, embora não considerasse

correto, a mãe não se importava, ou seja, a relação de poder exercida pelo pai, atrai a mãe, inconscientemente e por equivocidade à condição de subalternidade. Embora, com idade mais avançada, a mãe deve ocupar o lugar do lar: controlada desde a sua sexualidade a sua manifestação pública social.

Foucault (2014) observa que os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequentemente passam a representar. Ao que nos aponta o autor, as noções jurídicas de poder parecem regular a vida política em termos negativos. Os sujeitos são condicionados à limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo 'proteção' em nome das relações jurídicas de poder. São as exigências dessas relações que definem e produzem os sujeitos. Como consequência, Kambili é projeção discursiva de sua mãe, também ocupa lugar de subalternidade.

Ao ser interpelada pelo exercício de poder patriarcal, a protagonista não o rejeita com manifestação de ódio, mas o aceita com punição de um erro cometido por ela. Foucault, em *Vigiar e Punir* (2010), nos apresenta o controle e a manipulação do sujeito ao longo da história do ocidente, muda sua atuação. No desenvolvimento da tecnologia da punição, do corpo, as relações do exercício e manutenção do poder, passam a atingir a alma. É necessário atingir os desejos. De corpos dóceis, passa-se a almas dóceis. No trecho a seguir, ao ser punida pelo pai, Kambili entende que aquela punição é consequência de sua atitude equivocada e que o pai é levado ao extremo, principalmente, porque ele a ama.

Entrei na banheira e fiquei parada, olhando para ele. Não parecia que Papa ia pegar um galho, e senti o medo, ardente e inflamado, encher minha bexiga e meus ouvidos. Não sabia o que ele ia fazer comigo. Era mais fácil quando eu via o galho, porque podia esfregar as palmas das mãos e retesar os músculos das panturrilhas para me preparar. Mas Papa jamais me pedira para ficar de pé dentro da banheira. Então percebi a chaleira no chão, ao lado dos pés de Papa, a chaleira verde que Sisi usava para ferver água para o chá e para o garri, aquela que apitava quando a água começava a ferver. Papa apanhou-a.

- Você sabia que seu avô ia para Nsukka, não sabia?

- Sim, Papa.

- Você pegou o telefone e me contou isso, gbo?

- Não.

- Você sabia que ia dormir na mesma casa que um pagão, não sabia?

- Sim, Papa.

- Então você viu o pecado claramente e mesmo assim caminhou na direção dele?

Assenti. - Sim, Papa.

- Kambili, você é preciosa disse ele, com a voz tremendo, como alguém que fazia um discurso num velório, embargado de emoção. - Devia almejar a perfeição. (p. 635-636)

Bourdieu nos lembra, em *A Dominação Masculina* que "o amor é dominação aceita, não percebida como tal e praticamente reconhecida, na paixão, feliz ou infeliz"

(2017, p. 151). A dominação masculina, que nesse contexto não se desvincula da dominação religiosa, manifesta sua opressão quando o pai queima os pés da filha, mas ao contrário da percepção manifestada na leitura flutuante, algo muito mais funesto e tecnológico se materializa discursivamente. Ao questionar a filha sobre a presença do avô na casa da tia e a omissão da informação por parte de Kambili, o discurso do pai interpela a filha na projeção da culpa para si, como consequência, a necessidade do suplício do corpo, mas o que está sendo supliciado de fato é a alma, o desejo da protagonista em manter relações com o avô é não somente anulado, mas banido na promessa de que aquele afastamento a tornará uma pessoa melhor. Não é mais suficiente supliciar o corpo. Agora é necessário atingir a alma.

Hibisco roxo X gênero

Agora trataremos neste tópico da associação das características da planta com a personagens[5]. O hibisco roxo tem características peculiares, a planta é um arbusto perene, ou seja, com o ciclo de vida longo. É uma planta de flor bissexual com estruturas próprias para reprodução. A mudança de cor é feita a partir das estações, o que é muito comum entre as angiospermas[6]. Ocorre enquanto a flor ainda é jovem, não devendo tal mudança ser confundida com a perda de cores e o escurecimento que acompanham o processo de senescência. Suas cores e tons chamam bastante atenção das pessoas, inclusive dos pássaros que se alimentam do néctar.

> *Era o começo da estação de chuvas, e as plumérias plantadas perto dos muros já preenchiam a atmosfera do jardim com o cheiro doce e enjoativo de suas flores. Uma fileira de buganvílias roxas, aparadas de forma reta e parecendo uma mesa de bufê, separava as árvores com seus galhos retorcidos da entrada dos carros. Mais perto da casa, os coloridos arbustos de hibiscos se esticavam e tocavam uns aos outros, como se estivessem trocando pétalas. Os arbustos de hibiscos roxos começavam a florescer lentamente, porém a maioria das flores ainda era vermelha. (p. 35)*

A associação da mudança na subjetividade discursiva da personagem, comparado com o hibisco ocorre por meio da mudança de cor. Ao afirmar que "*hibiscos roxos começavam a florescer lentamente"*, notamos a paráfrase nas mudanças discursivas que permeiam Kambili e suas relações sociais. Em "*a maioria das flores ainda era vermelha",* fortalece o processo de desdobramento da personagem, embora já em contato

[5] Para evitar equívocos, nos referimos a planta sempre com letras minúsculas (hibisco roxo). Quando falamos sobre a obra, recorremos as letras maiúsculas e a marcação em itálico (*Hibisco Roxo*).

[6] Subdivisão do reino vegetal que compreende as plantas floríferas, cujas sementes estão encerradas no pericarpo.

com novas percepções sociais, o processo de reconstrução de sua subjetividade ainda está em maturação. Sobre as mudanças históricas na constituição da forma-sujeito, Orlandi, afirma que

> A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la". (2015, p. 50)

Além de Kambili, Jaja também se reencontra na imagem do hibisco roxo, como apresentaremos na citação abaixo.

"Isso é um hibisco, não é, tia? - Perguntou Jaja, olhando uma planta que havia perto da cerca de arame farpado. - Não sabia que existiam hibiscos roxos.
Tia Ifeoma riu e tocou a flor, que era de um tom púrpura tão fechado que chegava quase a ser azul. " (p. 418-419)

Jaja, assim como Kambili, não conhecia outras relações sociais que não as impostas pelo pai. Ao perceber o hibisco roxo, Jaja revela discursivamente sua percepção por relações sociais diferentes das que ele conhecia. O hibisco roxo estava perto da cerca de arame farpado, como assim estão interditados e controlados os discursos nas relações sociais. Foucault corrobora conosco quando afirma que "[...] não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (2011, p. 9). A imagem da tia como mulher independente, em contraposição com as referências familiar que até então Kambili e irmão tinham, é parafraseada na maturação de cor no hibisco roxo. Roxo é o desdobramento da subjetividade em sua plenitude historicamente constituída. O lugar de sujeito ocupado pela tia (universitária, mãe solteira, mora na capital) representa as diferentes vozes ocupadas por sujeitos outros, porém em condições semelhantes, uma vez que já que o "[...] sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social: de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico" (FERNANDES, 2008. p. 24)

Nas primeiras noites na casa da tia, Kambili relata seus momentos e conquistas de liberdade.

Até então eu me sentira como se não estivesse ali, como se estivesse apenas observando uma mesa onde se podia dizer o que você quisesse, quando quisesse, para quem quisesse, onde o ar era livre para ser respirado à vontade. (p. 392)

Na casa da tia, Kambili descreve a sensação de liberdade. Não havia omissão em sua fala: "*podia dizer o que você quisesse"*, "*quando quisesse", "para quem quisesse"* e

o sujeito “ [...] é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 50). A personagem agora, *“era livre”,* para que o seu discurso fosse falado, ouvido e houvesse sentido, e talvez assim como o hibisco teria tomado outra tonalidade de cor.

6. CONCLUSÃO

Portanto, neste trabalho fizemos um paralelo com análise crítica da personagem Kambili com os demais personagens sobre questões de gênero por meio da Análise do discurso (AD), na perspectiva de linha francesa. Na análise crítica e comparativa, apresentamos essa comparação por meio do embasamento teórico, mais partindo da teoria de que a personagem está inseria em determinado contexto histórico e que as condições naquele ambiente eram propícias para aqueles tipos de determinações.

Neste trabalho, foi feita primeiramente a leitura flutuante que tomamos somente como o primeiro contato com o objeto a ser analisado, a leitura analítica com uma visão que norteou a análise e perguntas heurísticas que auxiliaram todo o processo. Analisamos quais materialidades discursivas são favoráveis ao desenvolvimento das manifestações na questão de gênero, na obra Hibisco Roxo, por meio da personagem protagonista “Kambili”. Acreditamos que essa questão se desenvolve através dos aparelhos ideológicos que estão inseridos dentro do contexto e acontecimento apresentados pela obra.

Em seguida, apresentamos os discursos ideológicos na obra e os processos de construção da identidade ideológica da personagem por meio de suas mudanças fazendo a analogia com a flor Hibisco. E principalmente associamos as problemáticas que sofre a personagem através do contexto histórico e do crescimento do movimento a qual está inserida através das equivocidades dos paradigmas impregnados na sociedade com relação da dominação masculina para com o gênero feminino.

O artigo apresentou como ferramenta a análise do discurso o que consequentemente contribuirá para as carências que giram em torno do campo de análise, o tema possui uma importância significativa para sociedade, já que busca acrescentar nos debates de ordem social, política, cultura e religiosa. E vivemos atualmente em torno dessas discursões com relação as ideologias que a sociedade carrega, mas que hoje, já não se encaixam no contexto em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Tradução: Maria Helena Kühner. 5ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 3ª ed. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2012.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso:** Reflexões introdutória. 2º ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

_____. **A ordem do discurso.** 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **História da sexualidade 1:** A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. 38ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HALL, S. A. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MALDIDIER, Denise. **Reler Pêcheux Hoje.** Campinas: EDUNICAMP. 2003.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso:** histórias e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.

MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecilia; e GOMES, Márcia. **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

PÊCHEUX, M. **A Análise do Discurso:** Três Épocas. In: GADET, F. & HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1997.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SCOTT, Ana Silvia. **O caleidoscópio dos arranjos familiares**. In: Org: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Maria Joana. **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, Elisabeth Lobo. **A classe operária tem dois sexos.** Trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de Discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus: Instituto Census, 2014.

_____. **Conhecendo Análise de Discurso** – Linguagem, Sociedade e Ideologia. Manaus: Valer, 2006.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero.** 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CHIMAMANDA Ngozi Adichie: "Nossa época obriga a tomar partido". **El País,** 11 de outubro de 2017**.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html. Acesso em: 21 de julho de 2019.